

AVÓS REBELDES NA LEMBRANÇA DE SEUS NETOS

(Centenário de um sonho monarquista na Estrada
de Ferro Araraquarense)

Paulo BOMFIM

*Os dormentes da estrada inda galopam;
Não são potros, nem rios, nem fazendas
Onde chegar com malas e moendas
De triturar vazios, e onde tocam*

*Sanfonas em varandas que hoje evocam
Os mortos, as partilhas, as contendadas.
São apenas dormentes, quase lendas,
Demandas e fronteiras que provocam*

*O cismar de meninos já crescidos.
Só paisagens subindo na mangueira,
E apitos em mourões apodrecidos.*

*Não são rios, nem potros, são crianças,
É fumaça vestida marinheira:
- Sonhai dormentes: Silenciai lembranças!*

Fui criança ouvindo contar histórias da ferrovia que transportava lembranças de nossa família e a saudade dos que nela trabalharam.

O neto de um velho operário da Companhia de Estrada de Ferro de Araraquara, contou que o avô ao morrer, pediu para ser cremado e que as cinzas fossem espalhadas ao longo daqueles trilhos.

O movimento cujo centenário celebramos, tem as origens bem estudadas pela historiadora Maria de Lourdes Mônaco Janotti, no livro “Os Subversivos da República”, sendo também exaustivamente pesquisado pelo professor Osmar Gobatto, em obra ainda inédita intitulada “A Revolta Monarquista de 1902 no Estado de São Paulo”. Segundo ele, o movimento em Araraquara, surge de dois clãs: o de Carlos Batista de Magalhães e sua parentela de Arrudas, Freitas, Pitombos e Quadros, e dos Corrêas.

No centenário da revolução monarquista que embalou minha infância com os lances e as peripécias de uma família perseguida pelas forças republicanas, a figura de seu chefe cresce diante dos descendentes.

Carlos Batista de Magalhães, nasceu em Niterói em 30 de Junho de 1848, filho de Francisco Carlos Magalhães, natural do Porto, e de Bernarda Rodrigues Monteiro, bisneta de Francisco Rodrigues, Sargento-Mor de Guaratinguá.

Oriundo de família rica, estudou no Colégio Pedro II onde foi colega de Joaquim Nabuco e de Rodrigues Alves. Os três meninos participariam mais tarde da vida republicana com os corações fiéis à memória de seu Imperador.

*Se um século passou de sua morte,
E o banimento fez-se pranto e bruma,
A saudade imperial nasce da espuma,
Que a nave foi deixando além da Corte.*

*As barbas brancas, o sereno porte,
E os olhos cor do céu para onde ruma
A lembrança do sonho que se esfuma
Ao som do mar bramindo o canto forte.*

*Canto da terra, canto da saudade,
Prece nascida sob a dor do exílio
Que a todos exilou de uma verdade.*

*E Pedro é pedra basilar segundo
A voz da História que retoma o brilho,
O dom de Pedro retornando ao mundo.*

Quando o pai perde a fortuna, Magalhães toma-se viajante de casas comerciais indo parar em uma de suas andanças, em Araraquara onde se casa em 31 de Janeiro de 1874, com Leoncia Arruda de Freitas, filha de Justino Corrêa de Freitas, comerciante e farmacêutico, descendente do Capitão-Mor Antonio Corrêa de Lemos que foi Governador da Capitania de São Vicente em 1703, e de Ana Arruda filha do tropeiro Jesuino de Arruda e de Gertrudes de Arruda Lara, oriunda dos velhos troncos dos Arruda Leme e Almeida Lara.

Em 1876, Carlos Batista de Magalhães planta os primeiros cafezais da Fazenda Himalaia, que seria doada à filha Elisa (Zilota) e ao genro Sebastião Lebei. Em 1723, um antepassado de Zilota, o bandeirante Sebastião Sutil de Oliveira, pesquisou, juntamente com o frade Frutuoso da Conceição, ouro na serra de Araraquara. Daí o nome de “Estação do Ouro” onde o “Himalaia” se localizava, ao lado da fazenda “Santa Helena” de propriedade dos sogros de Magalhães.

Seis anos mais tarde ele cria, juntamente com José Cesário Bastos e Lino Jardim, o Clube Araraquarense. Em 1890, desgostoso com a República, embrenha pelo sertão em companhia do filho Nhonhô, ainda adolescente, e formam a Fazenda Cucuí.

No dia 17 de Setembro de 1895, o Presidente do Estado, Dr. Bernardino de Campos, tendo como Secretário do Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o Dr. Teodoro Dias de Carvalho, concedia pelo Decreto nº 310, “licença a Guilherme Lebeis e Lara, Magalhães & Foz por si ou companhia que organizarem, para a construção e exploração de uma estrada de ferro de bitola de um metro entre trilhos, ligando a cidade de Araraquara à Vila de Ribeirãozinho” que, futuramente, passaria a se chamar Taquaritinga. Curiosamente, a Estrada de Ferro Araraquarense e o Partido Monarquista, nascem no mesmo ano!

Carlos Batista de Magalhães, primeiro presidente da ferrovia, juntamente com Antônio Lourenço Corrêa, João Borba, Rogério Pinto Ferraz, Antônio José do Nascimento, Antônio de Toledo Piza e outros companheiros de administração, inauguram em 12 de Outubro de 1898, as estações de Araraquara, Cruzes (Cesário Bastos) e Itaquê, (Bueno de

Andrade). Em 7 de Dezembro de 1901, os trilhos alcançariam a vila de Ribeirãozinho (Taquaritinga), realizando a primeira etapa de um grande sonho.

A partir de Ribeirãozinho, abria-se a nova marcha dos dormentes. Em Junho de 1912, tocavam Rio Preto e, a partir daí só a barranca do Rio Paraná deteria o ritmo das locomotivas devoradoras de distância.

Ao fundar a estrada de ferro, um dos primeiros atos do presidente Carlos Batista de Magalhães foi mandar fundir em suas oficinas, o medalhão com a efígie do Imperador Pedro II, recentemente falecido.

Contemplando essa relíquia que hoje se encontra no Museu do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sinto-me transportado àquele Agosto de 1902, quando os revoltosos, escolhendo o dia 22, aniversário de Araraquara, deflagram o movimento romântico que teria o professor Rafael Corrêa da Silva, da Faculdade de Direito de São Paulo, como ideólogo, e Carlos Batista de Magalhães seu capitalista e arregimentador de homens.

Magalhães sempre foi monarquista. Minha avó Zilota contava-me das idas, quando menina, ao Paço Imperial, levada pelo pai, para tomar a bênção do Imperador.

Quando da República, induzido por seus amigos, ingressou no Partido Republicano Paulista, mas a saudade do Império não o deixava em paz, e acaba jogando a fortuna e o prestígio pessoal numa aventura impossível.

Marcado por simpatia pela causa monárquica, o nome de Carlos Batista de Magalhães se dilui no texto do Decreto 310 de Setembro de 1895, aparecendo apenas como um dos sócios da Casa Bancária de Lara, Magalhães & Foz. O prestígio que o capitalista alemão Guilherme Lebeis gozava entre os republicanos paulistas, coloca-o simbolicamente à testa da companhia que se organizava para explorar a nova ferrovia.

No casamento de Guilhenne Lebeis com Escolástica de Arruda Botelho, (Sinharinha), entra na igreja carregando as alianças a menina

Lucila, filha do prócer republicano Cerqueira Cesar, e futura esposa do jornalista Julio Mesquita.

Conta Carlos Pinto Alves, que deflagrada a insurreição, vários membros da família, com seus apaniguados, invadem Matão, Santa Ernestina e Dobrada em cavalgadas na frente das quais, tremulava a bandeira imperial.

A conspiração que teria se iniciado em 1890, com o Imperador ainda vivo, perderia sua maior motivação com ele morto.

Em meio ao sebastianismo que agitava São Paulo, a “Carta aos Paulistas” que Francisco Glicério publica em “O Estado de São Paulo” de 11 de Julho de 1897, é a radiografia da crise que se aproximava e separaria para sempre, dois líderes da República: Prudente de Moraes e Glycério.

Quatro anos mais tarde, a ala de Campos Salles propugnando pelas candidaturas de Bernardino de Campos e Rodrigues Alves, se chocaria com Julio Mesquita que lutava pelos nomes de seu sogro Cerqueira Cesar e de Prudente de Moraes.

Nesse terreno oscilante, com o descontentamento campeando nos quartéis e na lavoura, entre o empastelamento de jornais e perseguições contra aqueles que ousavam discordar do regime, a nostalgia do Segundo Reinado arrastava seu manto sobre cidades e fazendas paulistas.

Segundo o historiador Edgar Carone, a revolta seria “resultado de uma aliança de várias tendências, que desgostosas com a situação política, se unem para derrubar o governo de Campos Salles e Bernadino de Campos.

Incentivados pelos dissidentes paulistas, monarquistas e militares, os revoltosos pensam que obteriam o apoio das classes comerciais e populares que ainda sofrem as graves conseqüências da política e das crises que se sucederam desde 1900”.

Maria de Lourdes Mônico Janotti afirma em sua tese que “embora civis e militares conspirassem a nível nacional, o movimento de 1902 foi predominantemente monarquista e paulista”.

Durante alguns dias, a bandeira do Império que acompanharia meu bisavô até o fim da vida, voltou aos mastros de Ribeirãozinho, onde seus correligionários Joaquim Mateus Corrêa, Leonardo Botelho e João Toledo Lara implantam um “Governo Provisório”.

A revolução que deveria eclodir também em outras cidades, foi sendo sufocada pela legalidade. Apenas Espírito Santo do Pinhal, manteria seu compromisso com a monarquia, e onde mais de oitocentos homens tomam a Câmara Municipal, a cadeia, e a estação da Estrada de Ferro Mogiana.

Terminado o levante, principia a caçada aos revoltosos que se refugiavam na mata virgem que acompanhava os trilhos da Araraquarense, perseguidos por ordem do chefe de polícia José Cardoso de Almeida.

Soldados invadem a casa de vovó Donana que, tranqüilamente em sua cadeira de balanço, aguardava os acontecimentos. Um tenente pergunta a ela se era sogra de Carlos Batista de Magalhães e mãe de Leão de Freitas. Ela acena com a cabeça e prossegue se balançando.

- A senhora é sogra do Dr. Pitombo e avó de Nhonhô?
Responde que sim.

- Sabe onde estão escondidos?

- É claro que sei, responde.

- E onde então?

Donana aponta para o armário dizendo:

- Estão naquela gaveta.

O tenente enfurecido pede explicações, e a matriarca serenamente diz:

- Soldado, você já viu mãe denunciar filho? Pode me matar que não conto.

Pouco depois, os militares se retiravam enquanto a filha do tropeiro Jesuino de Arruda prosseguia se balançando na cadeira austríaca de palhinha.

Em 15 de Setembro, o Procurador da República, Bernardo de Campos, apontava como chefes da insurreição em São Paulo, dois professores da Faculdade de Direito, Rafael Corrêa da Silva e Francisco Penaforte Mendes de Almeida; Tomaz Sebastião de Mendonça e Leonardo Botelho, em Ribeirãozinho; Rafael Sampaio e José Inácio de Camargo, em São Carlos do Pinhal; José Aranha, em Campinas; Pedreira Cerqueira, João Sertório e o Barão de Mota Paes em Espírito Santo do Pinhal; e Carlos Batista de Magalhães e Antônio Lourenço Corrêa, em Araraquara.

Carlos Batista de Magalhães, foi preso e enviado ao Rio de Janeiro onde amargou seis meses de prisão, sendo depois libertado por influência de seu colega no Colégio Pedro II, o Presidente Rodrigues Alves.

Vinte e sete anos mais tarde, uma fotografia amarelada tirada no Parque da Água Branca, registra o momento fugaz onde Carlos Batista de Magalhães, sua neta Lourdes e o bisneto Paulo, com três anos de idade, contemplam a câmara, com olhos de indagar.

O velho revolucionário passava às mãos do descendente, o amor às causas impossíveis.

(Oração pronunciada no Instituto Histórico Geográfico de São Paulo no dias de outubro.

Na ocasião falaram também a Dra. Nelly Martins Ferreira Candeias, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico, a escritora Adelaide Magalhães, o Desembargador Sérgio Marcos Pitombo e o advogado José Carlos Dias, netos desses avós rebeldes que há um século viveram um sonho monarquista na Estrada de Ferro Araraquarense.)